
Dr. Alexander (Lex) Bos nasceu em 1925 em Djember, Java. Estudou sociologia e Geografia na Universidade de Amsterdã, tendo trabalhado durante 8 anos como colaborador numa firma de consultoria.

Em 1958 passa a integrar a equipe consultores fundadores do NPI - Nederlands Paedagogisch Instituut, um instituto de pesquisa e aplicação de métodos para desenvolvimento organizacional fundamentada na Antroposofia, situado em Zeist, Holanda. Doutorou-se em 1974 com um trabalho sobre o tema "Dinâmica do Juízo em Grupos". Conhecido como autor e conferencista, foi co-fundador do Triodosbank, um banco holandês no qual se aplica o princípio antroposófico da trimembração do organismo social, nos mesmos moldes do GLS Gemeinschaftsbank de Bochum, Alemanha.

Dentre suas obras destacam-se "Os Desafios para uma Pedagogia Social" e "Doze Dragões em luta contra Iniciativas sociais". De 1979 até o final dos anos 90 o autor veio regularmente ao Brasil com a finalidade de ministrar palestras nos Seminários de Introdução e Aprofundamento em Pedagogia Social promovidos pela Associação para o Desenvolvimento da Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil.

Apoio: *RiMa*
Editora

ASSOCIAÇÃO DE PEDAGOGIA SOCIAL DE BASE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL
R. Amaro Alves do Rosário, 102, Parelheiros, São Paulo / SP
Tel: OXX 11 5920 8935 e OXX 11 5920 8923



Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil

NADA A VER COMIGO? A sociedade como reflexo do próprio interior

Lex Bos

Caderno 1
Outubro de 2004

7,00

NADA A VER COMIGO?
A sociedade como reflexo do próprio interior

Lex Bos

Tradução: Endre Paulo Király, Isabel Cecília Cortesi, Ricardo
Levi e Rogério Rodrigues Rita
(tradução a partir das anotações revisados pelo autor)

Título original
SOCIALE EM INDIVIDUELLE BEWUSTWORDING
1977 Jonas Boek, Amsterdam – Holanda

Essa edição foi coordenada pelo Círculo da Divulgação da Associação de
Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil. Responsáveis: Christian
Folz, João Luiz Fonseca, Jos Schoenmaker, Leila Scaff, Marise Lopes e
Valter Gobbo.

Esta edição: Outubro de 2004

CONTEÚDO

• Nota dos tradutores	3
• Prefácio	4
1. O caminho para fora e o caminho para dentro	5
2. Manipulação através da fraqueza interior	8
3. A cobiça e o consumismo	13
4. Desenvolvendo a fé em si mesmo	16
5. Dinheiro de doação para a vida cultural livre	19
6. Querer consciente – Pensar e querer	23
7. TAT TWAN ASI: Voce é isso	29

Nota dos Tradutores

Gostaríamos de compartilhar com os leitores o processo de tradução a que foi submetido este livro.

O grande entusiasmo despertado pelo seu conteúdo, motivou o aparecimento de uma tradução feita 'as pressas por Jaime Kahan e Elza Teixeira em dezembro de 1983, publicada em forma de apostila, com o intuito de estar disponível para os Seminários de Pedagogia Social realizados em fevereiro de 1984.

Para efeito de publicação na forma de livro, coube-nos a tarefa de refazer a tradução existente. Sem qualquer experiência anterior em tal tipo de trabalho, surgiu-nos a questão: o que é traduzir um livro de conteúdo antropológico?

Além das dificuldades inerentes ao ato de traduzir, surge a agravante de se transmitir conteúdos espirituais. Cada língua expressa o impalpável e o imaterial de uma forma peculiar. Para conseguirmos ser fiéis 'a idéia original do autor, constatamos a necessidade de realizar a tradução em grupo, fazendo um profundo estudo de conteúdo do texto e aprofundarmo-nos na essência espiritual da língua portuguesa.

Embora a tradução tenha sido feita a partir da versão em inglês (Nothing to do with me? Edição Floris Books), as dúvidas surgidas durante a sua elaboração foram discutidas e esclarecidas com o próprio autor

Endre Paulo Király
Isabel Cecília Cortesi
Ricardo Levi
Rogério Rodrigues Rita

PREFÁCIO

*"Se queres conhecer a ti mesmo,
olha para o mundo
Se queres conhecer o mundo,
olha para o teu próprio interior"*

(Tradução livre de um poema de Rudolf Steiner)

Estas palavras sintetizam a mensagem inovadora trazida por este livro. A partir da contemplação da realidade social e da natureza humana consegue-se romper a dicotomia existente entre elas, esboçando uma nova forma de entendimento e transformação do social.

Utilizando-se da metamorfose em imagens de exemplos atuais tais como energia nuclear, inflação, tortura e outros, o autor consegue de uma forma genial achar a chave para desvendar os mistérios da natureza humana.

Isto só se tornou possível através dos novos conhecimentos elaborados por Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, conhecimentos estes que trazem um impulso renovador para vários campos das atividades humanas.

Os Editores

1. O CAMINHO PARA FORA E O CAMINHO PARA DENTRO

Por volta de 1968, ondas de entusiasmo revolucionário varreram os campus de Berkeley, Tóquio, Berlim, Amsterdam, Paris, Londres e Sussex, à medida que estudantes politicamente orientados atacavam os bastiões de um sistema educacional reacionário. O resultado? Embora muitas universidades tornassem a economia política marxista parte do currículo e contratassem mais conferencistas marxistas, as tentativas para ativar uma participação estudantil concreta logo enfraqueceram. No início da década de setenta a energia tinha desaparecido.

No rastro da revolução vieram os seminários de sensibilização e os grupos de encontro, centros para treinamento em gestalt, yoga, meditação transcendental, bioenergética e assim por diante. Eles começam de modo razoavelmente inocente apresentando formas de relaxamento e auto-expressão para libertar os sentimentos profundos e forças não conscientes que existem em cada um. Depois, vêm exercícios simples, posturas especiais e semelhantes. Seguem-se "viagens de fim de semana para outros mundos" comercializadas, proporcionando descobertas breves, porém violentamente perturbadoras através do vácuo que separa o mundo perceptível pelos sentidos do mundo não sensorial.

Os rebeldes de 1968 também cruzaram um limiar e vivenciaram uma entrada em outro mundo. Quando os estudantes de cabelo comprido e "blue jeans" invadiram as reitorias, eles viram paredes com retratos dos fundadores e presidentes do século XVII em diante e mesas de feltro verde com o martelo de marfim pronto para a próxima reunião. Ou trabalhadores de macacão tomaram a sala da diretoria de sua fábrica e encontraram poltronas para clientes importantes, um cofre para documentos secretos, uma ante-sala onde uma secretária senta protegendo seu empregador. Ou os "provos"¹ perturbando os conselhos municipais de modo bem pouco usual. Alguns políticos tchecos tiveram a coragem de não aplaudir o discurs-

¹ N.T. 1 - provos - agentes provocadores, geralmente jovens, pertencentes a organizações ativistas informais, existentes em alguns países da Europa.

2. MANIPULAÇÃO ATRAVÉS DA FRAQUEZA INTERIOR

Nossa primeira tentativa pode ser feita com modernos blocos residenciais. Se caminhar-mos em volta de um destes, perguntaremos perplexos: Como pôde tal lugar ter sido construído? Que tipo de mente poderia ter projetado isto? A questão é não se deixar levar por sentimentos vagos como esses, que sobretudo tocam algo negativo em outras pessoas. Podemos tentar ao invés, fazendo uma retrospectiva do dia, reduzir a experiência a uma figura, uma imagem. Talvez apareça um tipo de animal cinzento e anônimo, cuja principal característica é uma falta de imaginação.

Aí então eu viro e olho para dentro, e projeto uma luz sobre o meu próprio mundo pessoal. E talvez, subitamente, comece a perceber que a maneira como eu passei meus fins-de-semana ou feriados, nos últimos anos, foi igualmente descolorida e sem imaginação. Uma tediosa série de blocos de fins-de-semana! A mesma escada lavar o carro no sábado ... a mesma varanda ... jogo de cartas à noite ... o mesmo pequeno corredor ... dormir até tarde, ir à Igreja ... mesma sala de estar com a TV no mesmo canto ... ver futebol na TV à tarde.

Quem é o arquiteto desses enfadonhos e cinzentos blocos de fins-de-semana? Não poderia esta parte de minha própria natureza ter projetado estas monótonas moradias? Se eu fosse tentar dar vida aos fins-de-semana, dar algum colorido e variedade à minha cinzenta insípidez interior, não libertaria eu uma parte do ser que se apossa de mim através daqueles blocos residenciais?

Outro exemplo: em 1974 a Anistia Internacional chamou a atenção do mundo para a tortura. Você ouve os relatos e lê o que as testemunhas contam com um sentimento de repugnância total. Como é possível um homem fazer isto ao outro? Nós tendemos a dar as costas ou ficar revoltados. Entretanto, também é razoável refletirmos sobre a questão e perguntarmos: o que realmente está acontecendo? Certamente o fenômeno da tortura pode ser caracterizado de muitas maneiras diferentes, mas um determinado aspecto está sempre presente: uma pessoa está usando outra como uma coisa, uma ferramenta, um meio para um fim. Seu próprio fim. O objetivo é sempre sagrado! A segurança nacional, o sucesso da revolução, vencer a guerra, erradicar um mal e assim por diante. Em vista do objetivo, quaisquer meios são válidos para obter informações ou, por outro lado, para garantir o silêncio.

Uma vez que eu tenha encontrado esta chave, o uso mecânico de outra pessoa, eu posso usá-la para olhar para dentro do meu próprio modo de vida. Não há, às vezes, portas no meu comportamento, pequenas mas do mesmo tipo, nas quais esta chave serviria? Parece realmente haver algumas. Saindo do posto de gasolina por exemplo, eu me flagro de ter tratado o empregado exatamente como uma ferramenta. Eu não olhei para ele. Eu só lhe entreguei a chave automaticamente e até lhe dei o dinheiro sem pensar. Eu não tenho mais a menor idéia de como ele era, o que disse ou o que fez. Em resumo, para mim ele foi simplesmente uma extensão da bomba de gasolina.

Eu não tenho que me sentir indevidamente culpado sobre isto, porque com certeza eu estava a caminho de uma importante reunião e além do mais, arredondei a quantia bem liberalmente. E onde se vai parar, se você tiver de olhar cada atendente de posto, moça do café, carteiro ou quem quer que seja, profundamente em seus olhos azuis para que se recorde à noite de como eles eram?

Ou será que, se milhões de pessoas se tratam mecanicamente desta maneira inocente, não se formará uma base para que centenas de milhares o façam de forma um pouco menos inocente, influenciando o consumidor, por exemplo, e assim novamente dando condições a milhares de fazer uso de outros para seus próprios fins, através de meios realmente dúbios? Finalmente, talvez seja possível para centenas pressionar outras pessoas de forma bastante brutal. Uma espécie de pirâmide é construída com a mesma substância imoral. Embaixo, muitos, numa solução diluída; em cima uns poucos, mas concentrados. Desta maneira nos deparamos com o torturador dentro de nós. Não é nenhum demérito para a importância do trabalho da Anistia perguntar: não poderíamos, vencendo este torturador potencial em nós mesmos, contribuir com algo para a superação do problema?

Como um exemplo adicional, a maioria de nós sabe que milhões de cópias dos jornais sensacionalistas apresentam todo dia histórias de estupro e assassinato, escândalos sexuais, fraude, estelionato em larga escala, raptos forjados e assim por diante. Tais notícias são alimento para um tipo particular de sentimento e emoção. No momento em que sai o jornal desta manhã, há muito já foi consumido o alimento de ontem. Ficou um vazio e a alma está faminta por uma nova injeção. É como o dragão do conto de fadas, ao qual todo ano deve ser oferecida uma jovem donzela, caso contrário irromperá e destruirá toda a vizinhança. Todo dia o dragão amante de sensações dentro de nós exige cada vez mais alimento, cada vez mais freqüentemente.

Mas o que significa isto? É sem importância para o mundo à nossa volta? São reais somente as ações? E os sentimentos e pensamentos realmente não têm nenhum efeito? Se milhões de pequenos dragões famintos estão todos clamando por uma jovem donzela, não haverá uma realmente obrigada a ser devorada? Quando tantas pessoas estão ansiosamente aguardando o próximo assassinato (com "sincera" indignação moral) será que o desejo não criará um campo magnético potencial para atrair exatamente tal ação? Muitos de nós pensarão que podemos resistir a um impulso deste tipo, mas a corrente da humanidade possui elos fracos. Haverá pessoas que por qualquer causa (hereditariedade, impulso, destino) estão predispostas a tal ação. Devemos então nos surpreender se eles sucumbem a uma pressão maciça que realmente exige isso deles? Precisa haver material para a edição de amanhã. Nós podemos culpar o assassino ou o dono, mas nós mesmos não começamos isto e distribuímos o exemplar?

Um exemplo final diz respeito ao poder. O tema do poder permeia toda discussão política e, cada vez mais, as análises da ciência social. Concentrações de poder se tornam mais e mais comuns. Toda fusão, todo aumento de tamanho, toda ampliação da esfera de influência coloca poder nas mãos de grupos cada vez menores. Este é um processo perturbador. Como pode tanto poder estar concentrado em tão poucas mãos?

Este sentimento nos leva a considerar no que implica realmente o poder. São os homens "de cima" tão poderosos de fato? Ou há naquele nível a mais aguda forma de pressão, sujeição a um sistema e, em suma, de impotência? Eu sei que tal abordagem horroriza aqueles críticos da sociedade que querem todo poder solapado. Mas deveríamos tomar seriamente o que foi dito por um presidente e diretor da multinacional Shell. Indagado sobre como se sentia estando no topo de uma empresa tão influente, replicou: "É como estar sentado nas costas de um enorme brontossauro e observar onde ele está indo". Não "o guio para onde eu escolho" mas "eu observo onde está indo"! Há um sinal mais convincente de impotência? E novamente, onde encontramos isto em nós mesmos?

Com esta pista de impotência, vamos dirigir a luz para dentro. Quão fortes somos em guiar nossas forças anímicas do pensar, sentir e querer?

A melhor resposta reside num teste. Pegue um lápis, real ou imaginário, e decida pensar por cinco minutos em nada mais além do lápis. Uma seqüência clara e controlada de pensamentos que permaneçam relacionados com o lápis. Descreva por exemplo, a forma, a cor, o que ele faz, os materiais e como é produzido. Depois disto, há diferentes tipos de lápis, a história do lápis, a derivação da palavra e assim por diante.

Qualquer um fazendo este exercício percebe quão pouco ele é senhor em sua própria morada do pensar. A cadeia de pensamentos é interrompida ou se quebra, as associações carregam você. Você se apanha pensando, não no lápis, mas no artigo que você quer escrever com ele, ou na caneta-tinteiro que você ainda não mandou consertar... É uma sensação maravilhosa ser bem sucedido mesmo por dois minutos em manter total controle sobre a sua própria corrente de pensamentos. E se isto não acontece, você se envergonha de sua fraqueza...

Como é com o sentir? Nós governamos nossos sentimentos ou eles nos governam? Nós não podemos fazer aqui o que fizemos com os pensamentos, mas podemos nos observar em situações nas quais os sentimentos afloram. Nos conflitos, nos contratempos ou simplesmente se eu tiver um sucesso após o outro; encontrando pessoas por quem eu tenho uma forte antipatia, ou aquelas que me agradam; em casos onde as pessoas ridicularizam coisas que para mim são sagradas, ou enfaticamente defendem algo no qual não vejo sentido algum. O que acontece com os meus sentimentos em tais momentos? Será que eles, por um lado me reduzem ao desespero, profunda contrariedade ou dúvida paralisante; ou por outro lado me levam à rebeldia, caloroso entusiasmo ou cega confiança? Ou posso eu, sem me tornar indiferente, controlar os extremos e deixar meus sentimentos se tornarem um órgão sensitivo de percepção, possibilitando-me penetrar mais profundamente na realidade daquilo que me rodeia? Nós podemos descobrir que não é fácil ser senhor em nossa própria morada emocional. Muito freqüentemente sentimentos ou emoções me arrastam. E então, eu tenho novamente o mesmo sentimento de impotência. (Mas, cuide-se para não ser levado a desistir dos exercícios pelo desespero!).

Finalmente, o querer. Se eu resolvo fazer uma ação, eu a executo? Consigo, por assim dizer, mandar para baixo pensamentos definidos, de modo que através dos meus membros eles se tomem ação? Para fazer isto como um exercício, devo escolher uma ação que nada do mundo exterior possa me impedir de executá-la. Porque isto toma muito fácil transferir a culpa para fatores externos. Não, eu devo escolher algo que ninguém possa me impedir de realizar. Por exemplo, ao levantar de manhã, decido que às onze ou às três horas, mudarei meu lenço de um bolso para outro. Decididamente uma proposta bastante simples. Mas notar, dia após dia, como é difícil, quão pouco capaz se é de realizar precisamente tais atos simples, é vivenciar uma terceira esfera de fraqueza e nenhum senhor na morada do querer.

Estes exercícios são tomados do livro "O conhecimento dos Mundos Superiores" de Rudolf Steiner. Eles são três dentre os seis exercícios

básicos que qualquer um trilhando um caminho interior de desenvolvimento precisa fazer continuamente, junto com outros exercícios de percepção, meditação e assim por diante.

Voltando ao fenômeno social do poder: vimos pessoas apanhadas de forma irremediável num sistema anônimo. Então, a que conduz o fato de encontrarmos em nós mesmos três fontes que são fundamentalmente fracas, onde nós não governamos nossa própria morada do pensar, sentir e querer?

Se incontáveis pessoas têm esta fraqueza interior, não estarão elas criando um vácuo dentro da sociedade, propício para um sistema de poder se alojar e pensar por nós, brincar com nossos sentimentos e fazer uso da nossa vontade? Perceber tais centros de poder fora de nós deveria mover-nos a tentar elaborar uma saída para nossa própria impotência interior.

Nós agora vimos como fenômenos sociais estão ligados com nossos processos psíquicos e tentamos com os exemplos tirados das construções modernas, imprensa marrom, o uso da tortura e o mau uso do poder, mostrar como uma qualidade exterior pode ser encontrada dentro de nós. E vimos que com o seu reconhecimento, surge a possibilidade de transformá-la e assim contribuir com algo medicinal para sua existência social.

Nós agora continuaremos, partindo do mesmo ponto de vista da contemplação do fenômeno humano, considerando os fenômenos da inflação e crediário, seguros e investimentos, impostos e a indústria bélica.

3. A COBIÇA E O CONSUMISMO

A inflação é algo muito real. Colocado em termos simples, isto se reduz ao fato de haver mais dinheiro em circulação do que os bens existentes. O valor total do dinheiro em circulação é maior do que o dos bens oferecidos e o dinheiro então provoca uma demanda por mais bens do que os realmente existentes. Se a procura supera a oferta então, na estrutura da nossa economia de mercado, os preços sobem ou (o que dá no mesmo) o dinheiro perde o valor.

Isto tem toda uma série de conseqüências. Uma maneira eficaz de manter os preços baixos e ainda atingir um faturamento razoável é aumentar a produção e economizar nos trabalhadores de salários altos. Pois com a elevação dos preços os salários também sobem. Ambas as medidas levam à automação. E isto significa investimentos em larga escala, que novamente necessitam de alto faturamento para conseguir o necessário retorno do capital investido. Além do mais, a automação reduz o número de empregos, assim injeções de grandes quantias de dinheiro são necessárias para criar mais empregos. Então, todas estas indústrias em crescimento, aumentando seus lucros para amortizar os altos investimentos através do aumento da produção, são dependentes dos consumidores que comprem bens. O impulso de compra precisa ser estimulado ao nível mais elevado possível através da propaganda convincente e tentadora.

Voltando ao consumidor que compra bens a prestação e assim usa o crédito ao consumidor, o que ele está realmente fazendo?

Economicamente ele piora a inflação. Compra algo por dinheiro que ele não tem mas espera ganhar no futuro. O dinheiro de compra realmente ainda tem que ser feito. Não há futuros bens, como no caso do produtor, equilibrando esta criação de dinheiro. Assim, de fato, o consumidor que usa crediário está contribuindo para a desvalorização do dinheiro. E quando ele diz "Você pode usar a inflação, assuma dívidas, elas tendem a crescer menos do que a inflação", então o círculo está fechado. Em termos econômicos qualquer um que use o sistema de crediário ajuda a aumentar a inflação.

O que esta atitude significa psicologicamente? Em síntese, o sistema de crediário significa que os credores institucionalizam uma economia baseada na cobiça, na satisfação de um anseio recorrente de comprar algo. Os bancos aderem genuinamente à propaganda. "Você deseja gozar

4. DESENVOLVENDO A FÉ EM SI MESMO

No próximo exemplo, focalizaremos seguros e investimentos.

Os centros da maioria das grandes cidades estão congestionados com edifícios de escritórios. Certamente algumas câmaras municipais lutaram contra a construção destes blocos, mas a tendência dificilmente pode ser detida. Bancos, companhias de seguro, multinacionais, organizações de negócios e cadeias de hotéis gostam de ter seus escritórios centrais agrupados na cidade. Este tipo de centro de cidade tem a intenção de inspirar um senso de segurança, proteção e confiabilidade. Entre as sólidas paredes da ordem estabelecida, todos deveriam ser capazes de sentir-se livres.

Ou são estes mesmos prédios expressões da burocracia e tecnocracia que estão sufocando o homem livre?

Examinemos que tipo de dinheiro os ergueu. Não é tão simples descobrir porque muito está camuflado no mundo financeiro. Mas em muitos casos, a trilha conduz através de companhias de desenvolvimento, consórcios de investimento e similares, para instituições que atuam como investidores. Por trás destes estão os prêmios de seguro de milhões de indivíduos, todos esperando que suas apólices lhes comprem segurança, independência e, em última instância, liberdade. Isto não é uma grande ilusão? Talvez possamos descobrir examinando a história dos seguros.

Na Europa, antes de 1600, eles tinham quase que exclusivamente o caráter de ajuda mútua. Em pequenas comunidades havia um direito costumeiro de receber ajuda. Se alguém tivesse tido um incêndio, por exemplo, poderia circular com uma carta, reconhecida pelas autoridades, descrevendo sua situação e com esta coletar dinheiro para restaurar sua casa queimada. É claro que as pessoas contribuíam generosamente, sabendo que em seu próprio momento de necessidade poderiam contar com os outros para uma contribuição.

Com o crédito a idéia era a mesma. Nenhum juro era solicitado, assim se "A" emprestava dinheiro para "B" (livre de juros) "B" estava sob a obrigação moral de emprestar para "A", se ele viesse a precisar.

O cuidado com os idosos era uma responsabilidade pessoal direta. Os pais iriam educar e cuidar de suas crianças e esperavam que os filhos os assistissem na sua velhice.

Quanto mais as pessoas se tomavam individualizadas e emancipadas, tanto mais esta dependência mútua era sentida como empecilho. As

pessoas desejavam se sentir livres, sozinhas e independentes. Esta necessidade foi satisfeita pelo prêmio do seguro e pelos juros. "B" tendo obtido crédito de "A", paga juros para anular qualquer obrigação de ajudar "A" quando ele necessitar. Mais tarde, emprestar a juros foi institucionalizado e estruturado pelos bancos. Isto é o mesmo que acontece sob o sistema de seguros: pagando um prêmio para uma companhia, eu estou assegurado do meu *direito* de assistência se algo vier a acontecer. A companhia tem a *obrigação* de me ajudar. A ajuda mútua foi transformada em oficial, anônima e, podemos acrescentar, comercializada. Eu compro segurança, eu não preciso contar com os outros, eu tenho minha apólice e minha segurança é estipulada nela. O enfraquecimento de vínculos sociais com o aparecimento de prêmio e juros foi de fundamental importância para o crescimento do industrialismo ocidental.

Mas a pergunta é: aonde isto conduziu? Olhando para os seguros em particular, vemos três fenômenos.

Primeiro, gradualmente, vê-se que comprar segurança e assim se tornar independente de outras pessoas é pura ilusão. A dependência dos vizinhos é substituída por uma dependência impessoal das gigantescas companhias burocráticas que têm os clientes na palma da mão através de condições camufladas no verso das apólices. Além disto, uma inflação galopante torna ridículo o sentimento de segurança. É para coroar tudo isto, quando eu me aposentar, se não houver ninguém que queira fazer algo por mim, nenhuma das cláusulas na minha apólice me servirá.

Em segundo lugar, há uma grande deterioração no caráter dos seguros. Sobretudo na América, há o crescente hábito dos pacientes de processarem médicos pois um certo tratamento deveria ter sido efetuado de forma diferente, ou melhor, pois eles foram prejudicados de uma ou outra forma (perda de rendimento, perda de beleza e assim por diante). As indenizações podem atingir centenas de milhares de dólares, se não mais. Mas isto por sua vez pode ser prevenido com seguros. O prêmio; é claro, tem de ser coberto pelos honorários médicos. Em algumas cidades americanas isto levou médicos a deixarem suas profissões ou aderirem à greve, assim todo cuidado médico nas cidades esteve ameaçado.

Este mal vai mais além. Donos de carros estacionados, árvores ou cercas, por exemplo, podem subitamente se deparar com enormes processos, porque um advogado esperto sabe como tornar o dono de uma cerca responsável por um acidente.

Uma terceira consideração nos faz retomar aonde iniciamos. Os gastos com seguros conduzem a um vasto acúmulo de capital que precisa ser reinvestido. Investidores institucionais não são responsáveis pelos indi-

víduos que pagaram os prêmios; e os donos de apólices apenas estão interessados no total que por direito irão receber. Assim vemos que um processo quase automático surge no qual somas inimagináveis são investidas para objetivos e projetos que tendem apenas a fortalecer o mundo da indústria tecnológica, ou também, que mostra o resultado final de um desenvolvimento que descrevemos como enfraquecimento dos vínculos sociais, uma atomização dos padrões sociais.

Se tentarmos agora, com esta imagem do centro de cidade moderna e tudo o mais que, através de investidores institucionais, jazem atrás dela em termos de ilusões de segurança e aparente independência, nós podemos perguntar: que qualidade, que fraqueza, o que há em nós mesmos que dá margem a este desenvolvimento?

Procurando uma resposta a esta questão, uma idéia prevalece: a de fé ou confiança. Confiança é um poder que temos que desenvolver de novo, desde a base. É uma qualidade constantemente desacreditada. Uma confiança traída é uma experiência profundamente dolorosa para o homem atual. Com a dissolução da anterior, tradicional e instintiva relação consanguínea, um homem moderno, livremente responsável, precisa construir seu relacionamento de "Eu" para "Eu" com outros homens a partir de um poder inteiramente novo.

Uma forte confiança pode aparecer como fé na evolução, nos semelhantes, no destino, em si mesmo. Melhor dizendo, ela tem de ser conquistada, contra todo o tipo de resistência. Parece que todo desenvolvimento social existe para minar a confiança ou pelo menos para torná-la muito difícil. Parece que o planejamento social está cada vez mais baseado na desconfiança e portanto tem que ser cercado antecipadamente com controles e regulamentos de segurança.

Mas é interessante que o avanço social torna possível, e mesmo necessário, que o poder da confiança seja exercitado em toda parte.

A divisão do trabalho e a dependência mútua que ela acarreta na vida econômica são tão complexas que nem tudo pode ser prescrito ou antecipado e portanto assegurado. Nós precisamos aprender a construir na confiança. Na organização de novos empreendimentos coletivos, por exemplo entre produtores, intermediários e consumidores, ou entre pacientes, médicos, terapeutas, numa associação médica ou em escolas, uma grande oportunidade se abre para o crescimento deste poder. É interessante que mais e mais pessoas estão procurando justamente tais situações.

Se nós podemos enxergar o negócio de seguros crescendo sobre a nossa própria incapacidade de confiança nas relações humanas, isto está destinado a se tornar um apelo cada vez mais forte para desenvolvermos esta força em nós mesmos.

5. DINHEIRO DE DOAÇÃO PARA UMA VIDA CULTURAL LIVRE

Agora pensemos a respeito dos impostos e da indústria de armas. Aqui novamente nós podemos fazer descobertas importantes sobre a natureza da situação social fora de nós, e a nossa própria atitude mental.

Através de inúmeros canais e de inúmeras formas, o governo suga mais da metade da renda nacional, passando-a, de muitos modos, para órgãos públicos, para instituições culturais como subsídios e para as deficitárias organizações com maior ou menor controle governamental. Uma enorme máquina oficial é empregada para a observação diária da receita, sua manipulação e seu redirecionamento. Na maior parte dos países industrializados, o governo parece um monstro insaciável tirando para si uma parte cada vez maior dos rendimentos.

"Menos impostos" é o slogan favorito dos partidos de oposição que buscam tomar as rédeas, porque o nível crescente de empréstimos compulsórios é um veneno para muitos. No entanto, uma vez no poder, os políticos parecem incapazes de realizar muitas de suas promessas. Onde está a causa mais profunda?

Tomemos outro exemplo antes de olharmos para dentro de nós mesmos: há milhões de dólares devorados pelas indústrias de armas. O que acontece aos produtos? São vendidos ou fornecidos a um número de diferentes países. E então? Bem, o que foi produzido precisa ser usado. Equipamento militar acumulado tem uma espécie de força latente. Ele precisa ser "consumido". Pessoal treinado quer testar suas habilidades. As unidades do exército não podem ser mantidas indefinidamente nas barracas, elas precisam trabalhar. E não há dificuldade para os grandes poderes industriais encontrarem lugar onde possam provocar as situações e testar seu potencial de guerra. Quando a corrida armamentista se descontrola, o que está acontecendo? Nós podemos caracterizar o impulso essencial atrás de tudo isto com uma qualidade?

O Vietnã é um exemplo. Aquela guerra culminou finalmente numa tentativa de destruição do inimigo e seu país com um tapete de bombas, foguetes, mísseis e assim por diante. Eu não sei os números exatos (não significam muito para mim de qualquer modo com tantos zeros), mas bilhões de dólares foram lançados sobre a terra como um presente não solicitado. Sem necessidade de retribuição. Uma força militar é como um dragão cuspidando seus "presentes" com boca pródiga.

Agora coloquem dois fenômenos lado a lado: o governo exigindo cada vez mais impostos, e a máquina de guerra jogando fora tanto, sem ter sido solicitada e de mão aberta.

Tendo reduzido a situação a uma completa caricatura do dar, nós podemos olhar para dentro procurando uma qualidade similar. Como é com o nosso próprio dar? Nós sabemos realmente o que significa dar? Nós podemos repartir uma possessão ou uma parcela de nosso rendimento para o benefício de outros? Nós realmente podemos dar livremente (em nossa motivação) e desprendidamente (quanto à destinação)? Cada um deve falar por si mesmo, mas a minha impressão é que este lado das pessoas é muito pobremente desenvolvido.

Meu trabalho no Instituto para o Desenvolvimento Social inclui dar cursos junto com meus colegas para desenvolver a habilidade de cooperar. Há um exercício silencioso, no qual cada pessoa recebe várias peças de muitos quebra-cabeças. No final do exercício, cada um deve ter completado um pentágono regular. No começo, é claro, ninguém tem as peças corretas em seu envelope, assim precisa trocá-las. Mas de acordo com as regras, não pode pedir nenhuma (tudo é silencioso), nem pegar alguma para si, nem mesmo mostrar que precisa de certa peça. O exercício é exclusivamente *dar*. Cada um é *totalmente* dependente dos outros pelo que ele recebe, e para muitos este jogo é uma experiência chocante. É duro para uma pessoa suportar completa dependência dos outros para atingir seu próprio objetivo, o pentágono, e (ainda mais difícil) espera-se dele que olhe em torno de si com interesse e veja o que os outros precisam e se ele pode talvez ajudar desistindo de alguma de suas "possessões".

Uma pesquisa do exercício revela como há inúmeras razões para dar que não são nem livres nem desprendidas, para citar algumas:

- dar, esperando algo em troca;
- dar o que você mesmo não pode usar;
- dar, para causar impressão generosa;
- dar, para mostrar a outro que ele deveria ter dado (silenciosamente reprovando-o como ambicioso);
- dar, porque você pensa que se as peças circulam, todos têm a chance de conseguir o que precisam;
- dar, porque de qualquer modo eu tenho poucas peças;
- dar, confiando no especialista! Ele já conseguiu um pentágono, ele sabe como fazê-lo. Assim ele ainda pode fazer algo com o que ele tem;
- dar, porque geralmente é agradável dar;

- dar, por sentimento de culpa. Eu tenho mais peças do que os outros, nós precisamos igualar.

As resistências interiores a dar também vêm claramente à luz. Por exemplo:

- incerteza se o outro realmente pode usar meu presente; ele sabe o que fazer com ele?
- dificuldade em desistir do que foi poupado;
- medo de não receber nada em troca.

Mais uma vez: não parece ser tão simples olhar em volta abertamente, sem egoísmo e perceber se eu posso ajudar através da doação. E, de qualquer modo, por que isso é tão importante? Em suma, porque uma *vida espiritual* verdadeiramente livre só pode ser concebida se o lado material se torna acessível através de um fluxo de dinheiro doado livremente.

Falando de presente nós não estamos pensando realmente no pequeno presente particular ou de doações filantrópicas, embora estas tenham seu lugar, mas de ações bem objetivas (ou de séries de ações); de dar *com consciência da necessidade de desenvolvimentos específicos*. Isto pode tornar possível para as pessoas promoverem algum talento científico ou artístico; ou amparar um novo impulso educacional, melhoria agrícola, novos caminhos no tratamento médico e semelhantes.

Onde quer que novos impulsos espirituais estejam esperando para serem realizados, o dinheiro precisa ser dado, incondicionalmente; precisa realmente ser oferecido livremente, para ajudá-los a se concretizarem. Nas palestras sobre Trimembração do Organismo Social, Steiner falou de três tipos de dinheiro: dinheiro de compra, dinheiro de empréstimo e dinheiro de doação.

Dinheiro de compra é usado para bens já manufaturados colocados à venda. Uma troca direta de dinheiro e mercadorias.

Se nós podemos poupar algo, nós podemos *emprestá-lo* às pessoas com idéias que esperam converter em produtos. Elas pedem dinheiro para comprar máquinas, para alugar espaço e conseguir quaisquer equipamentos que precisem. O dinheiro emprestado com um contrato formal retorna mais tarde com juros. As idéias se materializaram.

Com *dinheiro de doação* nós nos elevamos, por assim dizer, a um nível superior. Nós não compramos quaisquer bens ou serviços, nós não permitimos idéias ou habilidades parcialmente desenvolvidas a se materializarem. Nós tornamos possível a realização de idéias e capacidades

ainda não existentes. Isto só pode acontecer na esfera da liberdade. Associar quaisquer intenções comerciais, ideológicas ou políticas com o dinheiro, influenciar o resultado com qualquer condição, polui o espaço de liberdade e empobrece o resultado espiritual.

Para um verdadeiro avanço em direção a formas espirituais de cura, educação, agricultura e assim por diante, um espírito inteiramente livre é necessário na vida cultural; complementar a isto está um livre fluxo de doações. Deste ponto de vista, é desanimador a maneira pela qual o governo com seu sugador sistema de impostos envenena a natureza da doação, tornando quase impossível doar generosamente, livremente e sem qualquer interesse próprio.

Para este livro, no entanto, a pergunta é: como é que este tipo de doação exterior tomou-se tão severamente corrompido? Nós mesmos criamos as condições permitindo que nossa própria capacidade de doação secasse?

As três imagens que invocamos, da inflação e compra a crédito, seguros e investimentos, impostos e a indústria bélica indicam três qualidades interiores que precisam ser cuidadas: o controle da compulsão a comprar, aprender a construir baseado na confiança e o crescimento do poder de dar.

É realmente o caso dos três lados da vontade humana: aprender a manejar nossos desejos na esfera da vontade; aprender a confiar nas intenções do próximo e reprimir a própria vontade para que a dele possa surgir; aprender a fazer um sacrifício na doação para que uma vontade objetiva espiritual possa encarnar. Como foi indicado, este caminho trimembrado de treinamento conduz à cura do uso do dinheiro. O desejo colocado em questão pode curar o dinheiro de compra; crédito concedido com confiança nas pessoas sana o dinheiro de empréstimo; e a vontade de fazer um sacrifício cura o dinheiro de doação.

6. QUERER CONSCIENTE: PENSAR COM QUERER

Nós tentamos examinar certos fenômenos sociais por suas qualidades subjacentes, e depois, usando o que encontramos, olhar para dentro em busca justamente das mesmas forças. Nós escolhemos aquelas principalmente do tipo institucional: seguros, inflação, jornalismo marrom, arranha-céus, e assim por diante. Agora podemos enfocar outro ângulo e olhar para a tecnologia. O que se desenvolveu reflete a mudança na consciência que gradualmente vem ocorrendo. O pensamento mecânico de causa e efeito, que embasa a ciência natural e o conhecimento técnico, não seria possível historicamente enquanto a percepção e o pensamento eram obscurecidos por vivências interiores do que quer que estivesse sendo percebido. Tecnicamente um vácuo (o invento básico por trás do motor a vapor, que desencadeou a revolução industrial) só pôde ser produzido quando os homens tivessem superado seu *horror vacui*; pelo qual a Idade Média representava o medo de um espaço vazio, sem ar, ou respiração ou espírito divino nele.

Os foguetes espaciais não foram mandados até que a Lua fosse encarada como um monte de crateras sem vida e não mais como um lar e centro de atividade de seres espirituais: por exemplo da deusa Luna. Nesta visão, a técnica resulta de uma mudança na percepção, embora por outro lado dê a impressão de uma caricatura do que deveríamos estar conseguindo com o nosso próximo passo na consciência.

Considerem-se tais feitos técnicos como a televisão e o desembarque na Lua de um lado, e o reator nuclear e a escavadeira de outro.

A TV é a culminação de uma cultura visual que cresceu rapidamente nas últimas décadas através de periódico, ilustrados, fotonovelas, histórias em quadrinhos, cinema e slides. A preparação para isto está na utilização de recursos visuais na educação das crianças. Há uma fome insaciável por imagens e o número delas que pode ser engolido numa única hora é inacreditável.

A alma humana tem evidentemente um profundo anseio inconsciente por imagens. Se os meios de comunicação não contassem com isso, eles não chegariam a nada. De sua investigação espiritual, Rudolf Steiner descreve o profundo significado deste anseio; ele retrata a evolução humana como um gradual despertar para o mundo material, sensorial. A primitiva união inconsciente com um mundo divino espiritual deu lu-

gar passo a passo a uma alienação do mesmo. Na transição gradual para a época moderna, a percepção imaginativa desapareceu e os sentidos se tornaram os instrumentos de percepção. É somente através de uma quase completa separação da realidade espiritual viva que os homens podem atingir uma clara e desperta consciência do Eu. Somente através da redução de sua relação consciente com o mundo espiritual a um mínimo, pode cada indivíduo chegar a si mesmo. Ele passa pelo buraco da agulha. Deixa tudo para trás: mas desta forma ganha a liberdade interior. Assim, o que lhe sucede no outro lado da agulha? No livro "Conhecimento dos Mundos Superiores", Steiner descreve como o primeiro passo do treinamento interior conduz a uma consciência imaginativa figurativa. Não através da dispersão em vagas fantasias, mas precisamente pelo fortalecimento da capacidade de percepção sensorial e do pensamento intelectual. A consciência do eu plenamente desperta, adquirida através da passagem pelo buraco da agulha, não é em momento algum abandonada. Pelo contrário, ela é levada para o mundo ao qual só a consciência imaginativa tem acesso; o mundo do tempo, dos processos vitais, dos poderes criadores.

A fome de imagens mostra um tipo de impulso instintivo para libertar a mente de sua forma abstrata de pensar somente com idéias e para desenvolvê-la na direção do pensamento móvel, formador de imagens. Entretanto, isto não pode acontecer a não ser que nós reforcemos a força do próprio pensamento. Somente trazendo a vontade para esta atividade, nós podemos conduzir um pensamento desperto para o mundo dos processos vitais.

É justamente isto que é sistematicamente obstruído pelo mundo das imagens trazido a nós pela tecnologia. As imagens são introduzidas em nós e nossa própria criatividade é paralisada. Podemos nos entregar passivamente a uma corrente de imagens já programada.

Steiner indicou a Lua como o corpo celeste cujos poderes são uma expressão das forças vitais. As influências lunares nas marés, precipitações atmosféricas, ritmos femininos, são familiares. Fazendeiros biodinâmicos versados na ligação entre a posição da Lua e a germinação aplicam isto na prática. Steiner chamou a nova consciência imaginativa figurativa de "um despertar na esfera lunar".

Não são as viagens espaciais e os desembarques na Lua uma projeção opressiva externa da tecnologia, do que nós deveríamos estar conseguindo interiormente? Como uma imagem do mundo das forças etéricas vitais, nós podemos ver o feto com sua grande cabeça flutuando sem

peso no líquido embrionário e ainda ligado à mãe pelo cordão umbilical. Mas a imagem dos astronautas com seus capacetes flutuando sem peso no escuro cosmos, ligados por um cabo à nave mãe, é uma caricatura cruelmente exata do nosso próximo passo na evolução da consciência. Saber como ler tais imagens pode ser um estímulo poderoso na direção de assumir este caminho de treinamento interior.

Nós olhamos em seguida para o reator nuclear e a escavadeira. O que ocorre nas usinas nucleares para desencadear tanta controvérsia entre os fornecedores de energia, os ecologistas, os profetas da destruição e os conservadores? O reator demonstra que o homem experimentou o mundo da subnatureza nas suas mais ocultas profundezas: começando com as leis mecânicas da gravidade e do pêndulo, através do magnetismo e da eletricidade para a radioatividade e a divisão do átomo.

Com o último passo, nós entramos na região dos poderes ocultos na matéria, das energias latentes nas substâncias. Parece um domínio sombrio e perigoso, e desperta medo. Qualquer um pode sentir a ansiedade que permeia as discussões sobre a construção das centrais nucleares. Os regulamentos essenciais de segurança, políticos, organizacionais e materiais são quase inacreditáveis. Todavia, eles não afastam a ansiedade. Como o homem conseguiu penetrar na desintegração da substância? Ele tem uma participação nesta esfera? De fato ele tem. É a esfera do metabolismo. Tudo que acontece nas profundezas do inconsciente dos órgãos digestivos tem a ver com o domínio da destruição da matéria.

Em suas conferências sobre medicina antroposófica, Rudolf Steiner falou das forças catabólicas no nosso sistema digestivo que reduzem a matéria até o limite do imaterial. Descobriu que a matéria não é simplesmente absorvida de fora para dentro, o corpo através de suas próprias forças, densifica este produto imaterial do processo digestivo, gerando novas substâncias para construir sua própria forma física. Nesta esfera corporal a vontade humana pode assumir o controle, em todas as suas expressões da cobiça, impulso e instinto até a forma mais elevada de amor. Agora ela começa a aparecer no horizonte da consciência. A encarnação gradual do homem foi tão longe que o "Eu" é confrontado com os poderes emergentes das profundezas inconscientes de seu metabolismo.

Freud, Adler e Jung foram os primeiros a estudar esta área. Desde então ela recebeu crescente atenção através das práticas de magia negra do Terceiro Reich, o estudo das torturas, a onda de sexualidade e violência assolando o mundo. A mesma área é descoberta por "terapeutas" e

pensamento e da percepção, de tal forma que isso possa se desenvolver em consciência imaginativa.

7. TAI TWAM ASI: VOCÉ É ISSO

Nosso último exemplo, encerrando este estudo, nos leva para perto das questões do destino humano. De muitas formas diferentes vimos como o mundo social externo pode ser uma imagem do próprio mundo interior do homem e é de fato a sua contrapartida. Em épocas passadas era diferente. Na cultura da antiga Índia, quando um homem voltava sua percepção sensorial para o mundo, sua sensação fundamental era *tai twam asi - você é isso!* Se ele visse uma árvore ou o sol, a chuva ou um pássaro, sua alma sempre podia responder: "Você é isso". Todo o mundo da criação podia responder ao seu questionamento ainda sonhador sobre sua própria existência.

Durante a longa evolução da consciência, a humanidade libertou-se daquela união natural. A natureza não pode mais responder a qualquer homem quando ele pergunta: "Quem sou eu?" Ele pode se impressionar com tudo que descobre nos remos das pedras, plantas e animais; pode descobrir, mesmo com reverência, que ele traz a mesma natureza dentro de si, na parte física do seu "Eu". Mas uma resposta à questão sobre seu próprio ser nunca poderá vir desse mundo.

Será que a resposta não pode ser encontrada nas condições externas que ele próprio criou como corpo social para seu "Eu" que agora se tornou livre? A conexão não foi feita pela natureza; é trabalho dos homens, e torna-se cada vez mais assim, na medida em que as formas teocráticas tradicionais perdem seu poder para apoiá-lo e finalmente entram em colapso. Nós podemos realmente afirmar face a uma selva de pedra, casos de tortura, um jornal sensacionalista, um desembarque na Lua, um prédio de seguros principesco, uma usina atômica: eu sou isso!

Nós podemos afirmá-lo olhando para os problemas do mundo. A humanidade está polarizada entre uma rica minoria técnico-industrial e uma vasta maioria pobre que fornece matéria prima para a agricultura e indústria e torna-se cada vez mais difícil para eles falarem uns com os outros. Não é isto uma imagem do próprio homem: usando seus membros e metabolismo apenas para carregar sua cabeça por aí e satisfazer quaisquer desejos que ela imagine para distração dos sentidos? Em toda parte vemos o problema da urbanização. O campo está desaparecendo enquanto as cidades se expandem em grandes complexos intoleráveis.

Foi quando estive em São Paulo, com seus doze milhões de habitantes e seu aglomerado de arranha-céus, que eu compreendi pela primeira vez que isto é o produto do nosso crescente mau uso do intelecto. As forças da cabeça cada vez mais se impõem. E quando eu ouvi como é difícil até para um governo autoritário descentralizar, eu compreendi que novos níveis de consciência terão de ser atingidos antes que novas formas possam se tornar possíveis na vida social.

Através de exercícios, tais como os descritos nos capítulos anteriores, um sentimento gradualmente vai surgindo podendo ser formulado assim: "O que vem ao meu encontro do mundo externo humano pertence a mim; é parte de mim mesmo, uma expressão do meu próprio ser". E sobre tal base, as perguntas sobre o destino podem ser feitas novamente. As condições nas quais eu vivo, as coisas que me acontecem, não estão elas, em seu aspecto mais íntimo, relacionadas comigo? Nossos exemplos (a separação da realidade espiritual, o declínio dos poderes da alma, a vida sob a tecnologia, e assim por diante) tiveram um caráter geral e não se referem diretamente ao destino pessoal. Mas pode um homem não achar que sua própria situação prática e o que o atinge nela, pertencem de fato a ele?

Os psicólogos sociais descrevem isto sob ponto de vista apenas psicológico, falando de "profecia de auto-satisfação". Se eu decido que as pessoas não são confiáveis e eu ajo de acordo, eu tendo a ter a minha expectativa realizada. Eles se comportam de forma suspeita. Mas de fato fui eu quem os influenciou, eu mesmo induzi o que vem ao meu encontro. Pertence a mim. Ou, pode ser que algumas pessoas num grupo me tratam agressivamente e eu me pergunto por que são tão desagradáveis. Revisando isto, pode ocorrer a mim que, através da minha própria falta de consideração com os outros, eu os atropelo com meus próprios planos e naturalmente provooco esta resposta.

Efeitos de bumerangue como este podem, às vezes, prosseguir durante meses ou anos. Não é sempre fácil se reconhecer naquilo que vem dos outros. Mas esta forma restrita de pensar ainda deixa aberta a questão: por que minha atitude para com os outros é de desconfiança? Por que eu tenho tão pouco respeito por eles? Como eu me tomei assim? Isto leva ao meu passado, minha hereditariedade, meu ambiente, fatores genéticos e influências na minha criação que me "programaram". Pode-se ir ainda mais longe. A questão remete de volta a uma pequena porção da natureza que é um invólucro para eu habitar, que serve ao meu ego, meu "Eu", como um instrumento de auto-realização. E é este instrumento tão estranho? Ou pode o homem moderno afirmar desta "natureza dentro dele mesmo" *tat twam asi*?

Parte do nosso próprio destino se aproxima e é reconhecido. Se acompanharmos como nós entramos em várias situações, torna-se claro o quanto fomos conduzidos pelos sentimentos (absorvidos na nossa própria natureza) de prazer e desprazer, simpatia e antipatia. Se aceitamos que esta "natureza" é uma parte essencial nossa, então nós estamos destinados a enxergar a nós mesmos em nossa situação. Fomos nós que a guiamos para nós mesmos. Assim, o que acontece com os incidentes que realmente parecem determinados de fora e ainda podem ser tão decisivos em nosso destino? Um acidente, uma perda, uma vaga perdida por extravio de correspondência, permissões concedidas que de acordo com os regulamentos nós não devíamos ter recebido, todos os tipos de encontros acidentais, oportunidades perdidas. É possível dizer para os acontecimentos exteriores aparentemente fortuitos, *tat twam asi*, não apenas no sentido de concordar e aceitá-los, mas muito mais profundamente como tendo-os verdadeiramente desejado para si mesmo?

Qualquer um, que regularmente pesquisa sua vida com tal questionamento em sua mente, pode começar a sentir que um fio a percorre, um tema de vida. Os acidentes externos parecem realmente pertencer a ele. A idéia se acende: talvez eu próprio fosse, inconscientemente, o diretor de cena por trás deles.

Às vezes uma circunstância inesperada ou um novo encontro pode evocar uma sensação imediata de que "aquilo era para mim; eu estava me preparando para ele"; ou "aquele homem não é um estranho para mim". Este tipo de percepção é aprofundado através do ponto de vista de Steiner de que é o próprio homem que, através de uma seqüência de vidas terrestres, cria tanto as condições físicas naturais como os eventos necessários para um contínuo caminho de desenvolvimento. Tomado seriamente e praticado, tal conhecimento traz sentido a cada vida. O que é que provoca a epidemia de suicídios na Suécia, entre as idades de dezoito e trinta e cinco, senão uma vida vivenciada como não tendo sentido? Não é difícil de prever a crescente complexidade de um sistema tecnocrático terminando num completo caos social.

Há uma pequena e comovente lenda russa de um homem insatisfeito com seu destino. Excepcionalmente, lhe é permitido devolver sua cruz. A cruz com seus braços vertical e horizontal representa o urdume e a trama que sustentam o molde do destino: o invólucro natural que o "Eu" usa na Terra como seu instrumento, e os acontecimentos que vêm de fora. O homem entrega sua cruz nos portões do céu e pode procurar por outra. No vasto depósito do céu, elas estão em altas pilhas numa varie-

dade infinita, prontas para serem dadas para as almas que vão descer. Após uma longa busca ele encontra a cruz com a qual pode identificar seu ser completamente. Pedro a entrega a ele. É a sua velha cruz.

Através do caminho interior e exterior, atenção na própria natureza e naquela de nosso ambiente social: reconhecimento de si na sociedade e a descoberta da sociedade na alma; este balanço pendular entre nossa percepção pessoal e nossa percepção social pode finalmente emergir como uma convicção sobre o destino, jamais uma de contemplação passiva. A pessoa que chega a conhecer tais fatos olha em torno de si desperta, porque aqui está o lugar onde quer perceber a si mesmo na ação. Eu não descubro o que fazer pela "contemplação do próprio umbigo", mas percebendo o que o destino solicita de mim. Quando eu reconheço que meu "Eu" está vindo ao meu encontro de fora, cada situação oferece algo que está relacionado comigo, uma pergunta, uma tarefa, um desafio ou um aviso. Quando eu tiver encontrado esta chave, eu "sei" o que tenho de fazer.

É esta crescente percepção do destino que será, a longo prazo, a verdadeira bússola para os homens dirigirem e ordenarem seus atos, o princípio único que pode prevenir o colapso social.